

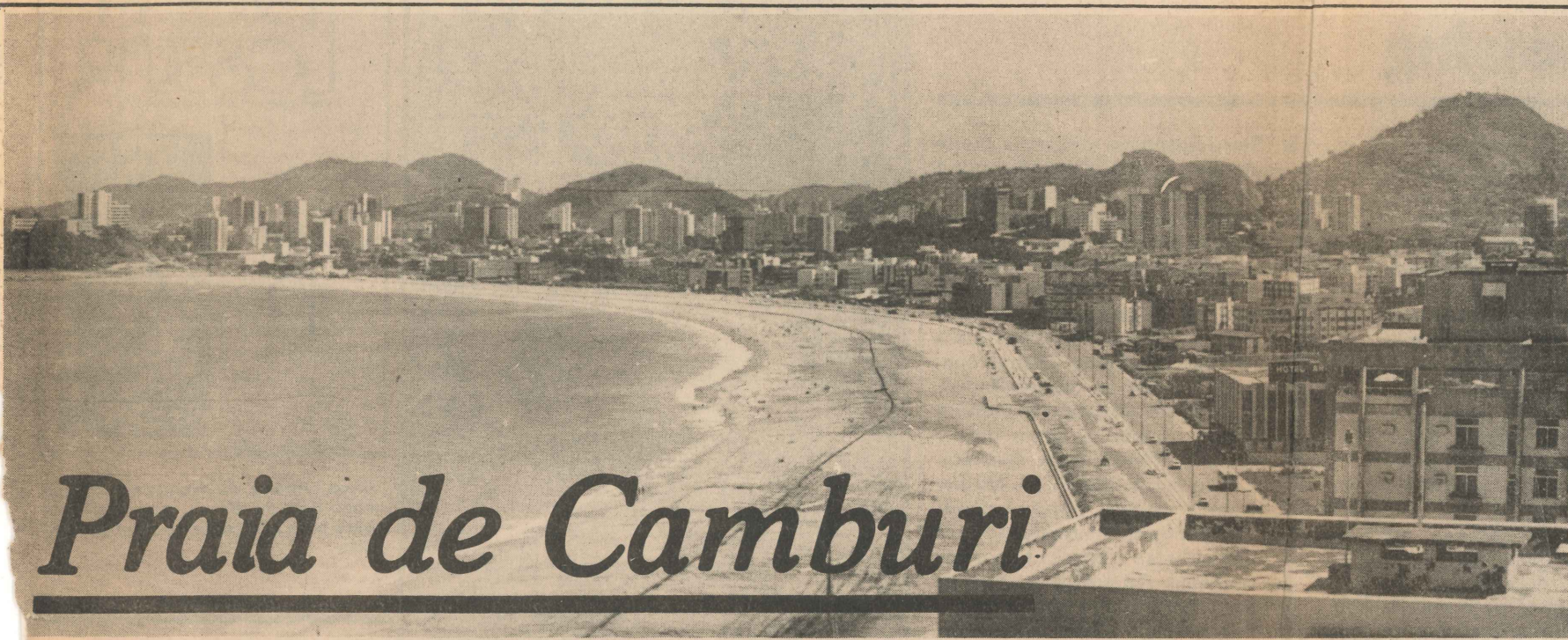
Domingo

Caderno Dois

A GAZETA — VITÓRIA (ES), DOMINGO, 11 DE ABRIL DE 1982

2. ed. p. 1

A119763



Praia de Camburi



Camburi, a principal praia de Vitória. Só areia e calçadão é muito pouco

Discursos e promessas nas inaugurações dos muros de contenção

Muita areia e calçadão para pouco lazer

Renato Viana Soares

Muitos consideram pouco o que a Prefeitura está fazendo na praia de Camburi para um custo tão alto. Acham que é preciso corrigir locais perigosos, que podem provocar afogamentos, e de desenvolver um novo projeto com áreas de lazer para a população.

campo demarcado na areia, com travesseiros de madeira pintadas de branco.

x x x

A pista de asfalto da avenida Dante Michelini foi construída em cima da areia da antiga praia de Camburi — naquela época de água muito limpa, areia branca e um largo espaço até chegar ao mar. As águas tranquilas — hoje a praia é relativamente perigosa — estavam controladas por um colar natural de arrecifes que, na altura de onde é hoje o porto de Tubarão, roubava força das ondas. Então, confluíram dois interesses contra a praia.

A Prefeitura de Vitória permitia que a cobiça das imobiliárias aproximasse o máximo possível os prédios do mar e parte dos arrecifes foram destruídos, alterando inteiramente o curso das correntes marítimas (sem contar a poluição da praia por esgotos sanitários ligados às

aqui o estaleiro? pergunta uma professora que faz cooper na areia e não quis dar o nome por ser funcionária pública. “Essa gente não dá ponto sem nó, como dizia a minha avó”.

x x x

Logo que as obras interditaram uma pista da avenida, surgiu um fenômeno novo, mas perfeitamente previsível. Em uma capital espremida entre o mar e a montanha, onde os edifícios são construídos apertadamente ao lado um do outro, e as praças sem árvores, calçadas de cimento, com o sol se transformam numa gigantesca placa fervente, a população ocupou o espaço refrescado pelo mar e o vento.

Toda tarde, centenas de pessoas, de bicicleta ou a pé, passeavam ao lado do aterro. Pouco a pouco, o costume estendeu-se para a noite.

— Perdemos até o medo de ficar aqui à noite. Com muita gente, uns

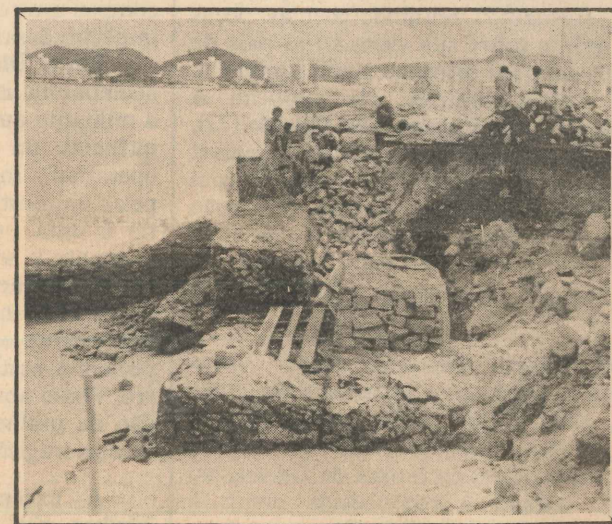
tudo. Mas para os velhos, né? E para os jovens? insiste Lincoln.

Na perspectiva dele e de várias outras pessoas consultadas, houve uma melhoria real na praia. Mas uma jovem aponta a areia e repete uma velha redamação:

— Quando a Prefeitura vai limpar essa praia? Olha só a quantidade de lixo...

Manoel Batista Viana, 55 anos, vende milho verde cozido na praia. Defende-se, explicando que tem sempre um local reservado para o lixo. Acredita que faz um trabalho “para ganhar a vida” e, não fosse ele e os outros “eu queria ver quem atenderia o pessoal na praia”. Para Manoel, a Prefeitura deveria pensar na construção de barracas para pequenos comerciantes, ao longo do calçadão.

O viajante pernambucano Eduardo Augusto Martins, 32 anos, há oito vivendo em Vitória, concorda com



O mar não ouve discursos. E reconquistava seu espaço



que pensa a população de Jardim da Penha e Camburi sobre o projeto, já que se todo executado, que mudou a face da praia de Camburi? Nesse tempo de pesquisas reservadas de opinião, quem

O mar não ouve discursos.
E reconquistava seu espaço



O aterro veio para corrigir velhos erros.
Reconstruir uma praia destruída



A antiga Camburi ficou com pouco espaço.
Mas hoje há lugar para lazer



O asfalto foi construído em cima
da areia para atender às imobiliárias

de Jardim da Penha e Camburi sobre o projeto, já que se todo executado, que mudou a face da praia de Camburi? Nesse tempo de pesquisas reservadas de opinião, quem sabe não seria mais útil gastar recursos públicos para ouvir a opinião dos moradores dessa região do que sondar duvidosos índices de popularidade de certos políticos? Provavelmente a pesquisa encontraria uma opinião interessante: não havia outra saída, mas só areia e calçadão são insuficientes para completar a principal praia de Vitória.

Pelo menos grande parte dos moradores está consciente que o aterro hidráulico que deslocou novamente a praia de seu antigo lugar, não é uma solução. É o concerto de um dos vários erros da administração pública, que coloca os interessados da especulação imobiliária antes da necessidade de preservar a qualidade de vida. Isso custa caro: nada menos que uns Cr\$ 60 milhões até agora, (estavam previstos gastos de Cr\$ 290 milhões, mas com os reajustes...).

— Espero que quando estiver tudo pronto o pessoal não precise gastar do próprio bolso para fazer traves para se divertir um pouco na praia, sublinha o funcionário público federal Carlos Lincoln, 29 anos. Eram cinco da tarde e ele assistia, do calçadão, uma animada pelada na praia, num imaginário

que se as marés marinhas aproximassem o máximo possível os prédios do mar e parte dos arrecifes foram destruídos, alterando inteiramente o curso das correntes marítimas (sem contar a poluição da praia por esgotos sanitários ligados às galerias pluviais e o despejo criminoso de restos de minério nas águas pela Companhia Vale do Rio Doce). A força do mar chegou facilmente até ao asfalto e a sua destruição passou a ser periódica. Quanto dinheiro público, em concertos inúteis, terão sido consumidos até agora?

Um estudo do Instituto Nacional de Pesquisas Hidroviárias concluiu que era necessário fazer o engordamento da praia e a construção de um espigão para contenção lateral das areias lançadas, além de uma proteção do terrapleno da avenida Dante Michelini.

Esse aterro, feito por meios hidráulicos e mecânicos, atinge cerca de 70% da praia, com areia retirada do leito do rio da Passagem e em jazidas próximas. Pouco a pouco o mar foi sendo afastado do asfalto e a praia tem agora uns 80 metros de largura.

Porque o aterro hidráulico não teria abrangido toda a extensão da praia? O secretário de Obras, José Esmeraldo acha desnecessário. Além disso, a ampliação exigiria maiores recursos. Porém, muitos moradores da região mantêm uma certa desconfiança.

— Será que eles não estão aterrando essa parte porque ela ficará imprestável se for realmente construído

refrescado pelo mar e o vento. Toda tarde, centenas de pessoas, de bicicleta ou a pé, passeavam ao lado do aterro. Pouco a pouco, o costume estendeu-se para a noite.

— Perdemos até o medo de ficar aqui à noite. Com muita gente, uns protegem os outros, comenta Dirceu Chicon, 21 anos, estudante de Engenharia Elétrica da Ufes.

Esse tipo de opinião vai se generalizando, pouco a pouco. E crescem as expectativas do que a praia possa dar, além do espaço para se dourar ao sol ou se refrescar nas águas. É como se as pessoas estivessem realmente tomando consciência de que devem participar e influir nas obras que mexem com suas vidas.

— Ainda há locais que ficaram muito fundos. A Prefeitura tem que corrigir isso, se não vai morrer gente afogado logo, logo, adverte Dirceu Chicon, frequentador assíduo de Camburi.

Outras questões não passam despercebidas.

— Uma praia como essa não pode ficar sem chuveiro público. As pessoas vêm de longe e têm que voltar salgadas e cheias de areia para casa, observa Carlos Lincoln. Acrescenta que outra necessidade são os sanitários. Água é para tomar banho e não para urinar nela. Mas sem os sanitários, como é que é?

O propagandeado calçadão não engana.

— Calçadão já tinha antes. É importante, tá certo, com bancos e

IIBEU RECEBE COMPUTADOR

COBRA MODELO 305

O IIBEU recebeu o primeiro microcomputador Cobra modelo 305 já entregue no Espírito Santo. O Cobra 305 tem a vantagem de dupla capacidade de disco, com referência ao modelo 300.

Segundo o IIBEU "a finalidade principal do computador será a educação, isto é, a formação de programadores, digitadores e analistas para o mercado brasileiro, em especial, para o Espírito Santo, que conforme dados da SUCESU — Sociedade dos Usuários de Computadores e Equipamentos Subsidiários, de São Paulo, mostra que está faltando pessoal qualificado na carreira de Processamento de Dados".

A estatística da SUCESU diz que até 1985, serão necessários 11.900 novos analistas e 15.300 programadores; dos quais já são necessários neste ano, 2.300 e 2.900 analistas e programadores,

respectivamente. Calcula-se que, para atender esta demanda, as escolas do país formarão apenas 1.700 analistas e programadores. O salário médio nacional é de Cr\$ 234 mil; para analista júnior, Cr\$ 165 mil; analista pleno, Cr\$ 212 mil e o analista senior, Cr\$ 340 mil.

O IIBEU, pioneiro no Espírito Santo no campo da Didática e Informática, já conta com um dos mais modernos equipamentos que possibilitam aos alunos aulas práticas em um computador de verdade e estágios que contribuem para melhor aprendizado e aproveitamento do estudante.

O IIBEU está abrindo novas turmas para a formação de Analistas e Programadores, cujos cursos tem a duração de seis meses e um ano e meio respectivamente. As inscrições podem ser feitas no IIBEU, que está localizado no Colégio Salesiano — Avenida Vitória, 950, telefone: 223-2311.



Na reforma ou construção, com Vogue você ganha tempo e dinheiro.

Se você está construindo ou reformando sua casa você precisa conhecer os armários embutidos Vogue. Eles são fáceis de instalar e têm mais de 15 acabamentos externos diferentes pra você escolher o que melhor combine com a sua decoração.



A GAZETA CLASSIFICADOS